

A PROBLEMÁTICA DA CONSTITUIÇÃO DE UMA COMUNIDADE ÉTICA UNIVERSAL NA OBRA DE HANS KÜNG*

The problematic the constitution of a universal ethical
community in Hans Küng's work

Antônio Anderson Rabêlo Costa**

Resumo

O artigo busca investigar e analisar a problemática da constituição de uma comunidade ética universal, a partir da obra *Projeto de Ética Mundial – Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*, de Hans Küng; considerando que os conceitos de *ethos*, comunidade ética universal e moral ecumênica são de fundamentais para compreendermos sua proposta. Inicialmente vamos utilizar o pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz, para compreendermos o conceito de *ethos* que será essencial à nossa reflexão. Em seguida, baseando-nos na compreensão destes conceitos, observaremos como Hans Küng concebe o projeto de uma comunidade ética mundial, e finalmente, esperamos identificar e expor os elementos determinantes à formação de um *ethos* universal, na perspectiva da moral ecumênica.

Palavras-chave: Comunidade ética universal; ética global; *ethos* mundial.

Abstract

The article aims to investigate and analyze the problem of the constitution of a universal ethical community, from the Hans Küng's work *World Ethics Project – An ecumenical moral in view of human survival*; considering that the concepts of *ethos*, universal ethical

* Artigo enviado em 04/02/2015 e aprovado para publicação em 25/05/2015.

** Bacharel em Filosofia pela FAJE, estudante do curso de Licenciatura em Filosofia da UCPel.

community and ecumenical morals are fundamental to understand Küng's proposal. Initially we will utilize the thought of Henrique Claudio de Lima Vaz, to understand the concept of ethos that will be essential to our reflection. Based on the understanding of these concepts, we will then observe how Küng sees the project of a global ethical community, with the hope to identify and expose key elements in the formation of a universal ethos, from the perspective of an ecumenical moral.

Keywords: Universal ethical community; global Ethics; world ethos:

INTRODUÇÃO

Na atualidade, pensar o conceito de uma comunidade ética universal já é por si só algo problemático, e ainda mais em tempos de uma cultura cada vez mais globalizada. Deste modo, nos deparamos com a necessidade de refletirmos sobre a viabilidade de um projeto de uma comunidade ética universal. Diante das circunstâncias, e na perspectiva da sobrevivência humana no planeta, surge diante de nós o questionamento: como recompor um universo de valores comuns, que deem sentido à existência humana e permitam a constituição de uma comunidade ética de âmbito universal?

Com o intuito de refletir sobre o tema, o presente artigo propõe uma investigação e análise acerca da problemática da constituição de uma comunidade ética de âmbito universal, tendo como pano de fundo a obra do teólogo ecumênico Hans Küng. Dessa maneira, pretendemos compreender os conceitos de *ethos*, comunidade ética universal e moral ecumênica, que são abordados pelo autor no desenvolvimento de sua proposta. Para tanto, recorreremos, inicialmente, ao pensamento do filósofo brasileiro Henrique Cláudio de Lima Vaz, para compreendermos o conceito de *ethos* que será de fundamental importância à nossa reflexão. Posteriormente, com base na compreensão destes conceitos, pretendemos observar como o autor concebe o projeto de uma comunidade ética mundial, e por fim, esperamos identificar e expor os elementos determinantes à formação de um *ethos* universal, na perspectiva da moral ecumênica almejada. Na mesma linha, considerando a tensão existente entre os impactos do fenômeno globalizador e a diversidade cultural e religiosa, cabe-nos questionar como podemos identificar elementos conciliadores que favoreçam o diálogo e que cruzem a fronteira da pluralidade, tendo em vista o bem comum.

Portanto, pretendemos compreender como a constituição de uma comunidade ética de âmbito universal, tal como nos propõe Hans Küng, pode favorecer um olhar mais aprofundado acerca de valores universais, que se apresentam como elementos éticos fundamentais que possibilitam uma orientação sobre o sentido da existência humana em seu horizonte último; ou seja, considerando-se sua plena realização na vida em sociedade. Para isso, nosso intuito consiste em perceber como o autor gesta seu projeto de uma ética mundial e analisar a viabilidade de tal empreendimento, de modo a refletir sobre quais as implicações atuais de se pensar uma comunidade ética global.

1. COMPREENDENDO CONCEITOS: A FENOMENOLOGIA DO *ETHOS* COMO PONTO DE PARTIDA

A cultura ocidental é fortemente influenciada pela tradição judaico-cristã, de modo que não podemos prescindir de tal herança para a compreensão dos aspectos e fenômenos culturais que se desenvolvem na contemporaneidade. Além disso, não podemos ignorar que os últimos séculos têm marcado o enfraquecimento das instituições religiosas, sobretudo, pela constatação dos limites das crenças no estabelecimento de fundamentos morais aceitáveis. Na mesma linha, observamos que não apenas as instituições religiosas sofrem as consequências do fenômeno da fragmentação cultural, mas também as demais instâncias representativas de autoridade; o que revela o quanto tal figura, em seus mais variados níveis, tem merecido questionamentos morais e éticos, tal como é percebido no Ocidente.

Diante de um cenário tão complexo como este, e levando em consideração os aspectos que constituem o que podemos chamar de crise da cultura ocidental, avaliamos como oportuna uma reflexão acerca deste fenômeno com base na passagem do *ethos* fundado na tradição para o *ethos* fundado na razão. Portanto, no intuito de esclarecer melhor os termos que utilizaremos no desenvolvimento de nossa reflexão, faz-se necessário que apontemos como o *ethos* foi compreendido ao longo do tempo e qual sua importância na atualidade, principalmente, quando temos como pano de fundo o projeto de uma ética mundial. Para isso, tomaremos como ponto de partida alguns aspectos da fenomenologia do *ethos* desenvolvidos pelo filósofo brasileiro Henrique Cláudio de Lima Vaz¹, e

¹ Henrique Cláudio de Lima Vaz (Ouro Preto, 1921 - Belo Horizonte, 2002) foi um padre jesuíta, professor, filósofo e humanista brasileiro. Lima Vaz foi um homem de profunda erudição, com uma sólida e vasta cultura científica e humanística, além de um amplo conhecedor do pensamento filosófico ocidental.

posteriormente, trataremos da perspectiva apresentada por Hans Küng, cuja obra fundamenta a nossa reflexão.

Assim, como bem observa LIMA VAZ (2013, p. 12): "O termo *ethos* é uma transliteração dos dois vocábulos gregos *ethos* (com *eta* inicial) e *ethos* (com *épsilon* inicial). É importante distinguir com exatidão os matizes peculiares a cada um desses termos". Conseqüentemente, para compreender como o *ethos* fora conceituado ao longo da história e para perceber as nuances presentes no uso deste termo devemos observar tanto a primeira como a segunda acepção.

É nesse sentido que podemos falar da dualidade intrínseca do *ethos*. Como sabemos o *ethos* é caracterizado fundamentalmente por dois aspectos, o objetivo e o subjetivo, numa relação dialética entre sociedade e indivíduo, ao que chamamos de dualidade intrínseca.

Por um lado temos o caráter objetivo do *ethos* que se relaciona à sociedade, aos costumes, normas, leis e regras de conduta, cujo fim é o agir enquanto ético; ou seja, de como o agir humano deve ser. Além disso, vale ressaltar que este tem seu caráter histórico expresso na tradição e corresponde à historicidade do costume, bem como à sua permanência no tempo. Por outro lado, ao contemplarmos o caráter subjetivo do *ethos*, identificaremos que este se relaciona ao indivíduo, seu comportamento, suas ações, sua liberdade, responsabilidade, hábitos e suas práticas (*práxis*). Assim, podemos visualizar a educação no processo que corresponde à historicidade dos hábitos e que retrata a interiorização do caráter subjetivo do *ethos* na vida do indivíduo como um hábito.

Sendo assim, ainda que reconheçamos as peculiaridades de cada acepção do termo em questão, evidenciamos que estas – embora reflitam características próprias – não estabelecem entre si uma relação contraditória, mas ao considerarmos o agir ético do indivíduo perceberemos que estas acepções se articulam e complementam². Portanto, diante dessa interrelação importa ainda que observemos a passagem do saber ético à ciência do *ethos*, na perspectiva epistemológica, onde podemos compreender a ética como ciência do *ethos*, pois, à medida que esta se apresenta como saber elaborado, busca explicitar a racionalidade já imanente no *ethos* e na *práxis*, por fim identifica-se também com o conhecimento implícito na experiência moral. É justamente com base numa reflexão ética aprofundada que nos depararemos com a proposta de Hans Küng, que a partir de suas pesquisas como teólogo ecumênico, busca identificar elementos favoráveis à constituição de uma ética universal.

² LIMA VAZ (2013, p. 14): "O modo de agir (*tropos*) do indivíduo, expressão da sua personalidade ética, deverá traduzir, finalmente, a articulação entre o *ethos* como caráter e o *ethos* como hábito".

Hans Küng (1928) nasceu em Sursee (Suíça). Estudou filosofia e teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) em Roma. Foi ordenado sacerdote no ano de 1954, posteriormente deu continuidade a seus estudos de teologia no Instituto Católico de Paris. No ano de 1960 foi nomeado professor de teologia fundamental na Universidade de Tübingen (Alemanha). Em seguida no ano de 1962 foi nomeado pelo Papa João XXIII como perito e consultor no Concílio Ecumênico Vaticano II. O autor é co-fundador e presidente honorário da Fundação Ética Mundial³. Como teólogo desenvolve sua pesquisa com base no ecumenismo e no diálogo interreligioso. Sua reflexão pretende ser uma análise panorâmica da atual situação histórica que atravessamos e é partir dela que ele defende a necessidade de encontramos uma ética mundial; uma busca que será essencialmente marcada pelo paradigma ecumênico e universal. Em seu pensamento é salientado o viés existencial, onde se estabelece um diálogo franco e estreito entre filosofia e teologia.

A reflexão de Hans Küng se desenvolve na esfera de uma cultura que tem experimentado nos últimos anos os efeitos de um processo de fragmentação, fruto da tensão existente entre os impactos do fenômeno globalizador e a diversidade cultural e religiosa. Diante de tais conflitos nosso autor se questiona a respeito da possibilidade de identificar elementos conciliadores que favoreçam o diálogo e que cruzem a fronteira da pluralidade tendo em vista o bem comum.

É neste horizonte do bem comum que podemos situar uma comunidade ética universal, partindo de um consenso fundamental; e este, por sua vez, refere-se à necessidade de explicitação de valores universais que funcionem como critérios éticos gerais e que possam orientar o sentido da existência humana como possibilidade à plena realização do homem. Assim, Küng, ao conceituar o *ethos* mundial, dirá:

O *ethos* mundial é o consenso básico referente aos valores vinculantes, às normas e valores básicos irrevogáveis, que pode ser afirmado por todas as religiões não obstante suas diferenças dogmáticas, ou que pode ser aceito até mesmo pelos não-crentes. (1999, p. 168)

Portanto, diante das circunstâncias atuais e na perspectiva da sobrevivência humana no planeta, surge diante de nós o questionamento: como recompor um universo de valores comuns, que deem sentido à existência humana e permitam a constituição de

³ A Fundação Ética Mundial foi fundada no ano de 1995 por Karl Konrad (Conde de Gröben), a partir do contato com a obra de Hans Küng, *Projeto de Ética Mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana* (1993). A fundação possui sua sede na cidade de Tübingen (Alemanha). As atividades desenvolvidas pela fundação estão concentradas em eixos temáticos, como a pluralidade cultural e religiosa, e privilegiam, sobretudo, a interculturalidade, o diálogo ecumênico e interreligioso.

uma comunidade ética de âmbito universal? ⁴ Daí a importância de desenvolvermos uma moral ecumênica, sob a ótica de critério fundamentalmente humano, num desdobramento de um consenso elementar que remete a premissas básicas em vista da preservação da vida e convivência humanas. O que também podemos observar é que tal abordagem ultrapassa as relações dadas simplesmente na esfera do universo religioso, uma vez que toca diretamente a realidade das relações humanas em seus mais variáveis níveis, e ainda mais quando nos deparamos com o desafio de pensar um futuro sustentável para o planeta, numa perspectiva mais ecológica e não menos humana⁵.

Observamos ainda que a modernidade marcada pelo crescente desenvolvimento tecnológico, advindo dos avanços científicos, forja uma sociedade em constante ritmo de mudança na qual se observa o abandono de expressões simbólicas tradicionais. No entanto, se por um lado mencionamos o domínio da técnica e o triunfo da ciência, por outro visualizamos também retrocessos que, na compreensão de filósofos como Adorno⁶, constituem-se em exageros e até mesmo em patologias no relacionamento homem-técnica.

Além disso, constata-se que nos últimos anos o debate em torno de questões éticas tem sido amplamente difundido e, sobremaneira, poderíamos nos perguntar acerca da relevância de se adotar padrões éticos mais abrangentes e que por isso mesmo possam ser compreendidos como universais. Küng (1993, p. 69): “Se a ética deve funcionar para o bem de todos, ela deve ser indivisível. O mundo não dividido necessita mais e mais de uma ética não-dividida! A humanidade pós-moderna necessita de valores, objetivos, ideais e visões comuns”.

Assim, a ética, aqui compreendida como ciência do *ethos*⁷, não deve ser simplesmente caracterizada por uma normatividade, pois, estaríamos incorrendo num reducionismo. Evidentemente, pensar uma comunidade ética já é por si só algo problemático, e ainda mais quando contemplamos uma cultura, como a contemporânea, que se pretende cada vez mais globalizada. Dessa maneira, colocamo-nos frente ao desafio de refletir a respeito da necessidade de se compor a comunidade ética mundial investigando o alcance de uma proposta como essa.

⁴ MAC DOWELL, João Augusto A. A. Aspectos fundamentais do pensamento ético de Padre Vaz. *Veredas do Direito*, Belo Horizonte, v. 1, n.2, p. 63-79, 2004. p. 79.

⁵ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 145.

⁶ ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p. 119-138.

⁷ LIMA VAZ, H. C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução a Ética Filosófica 1*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 17.

2. VIVER HUMANAMENTE: UM CRITÉRIO ÉTICO FUNDAMENTAL

Na atualidade, assistimos a uma série de modificações, iniciadas desde a Renascença, que fazem do mundo moderno um universo aberto e múltiplo. Assim, em meio a esta multiplicidade podemos dizer que a sociedade ocidental, desde então, em função da ciência, passou a experimentar um maior domínio sobre a natureza e a partir daí o homem foi garantindo paulatinamente sua imanência no mundo.

De fato, a compreensão da ciência e da técnica como instrumentos de acesso ao conhecimento está em curso desde o surgimento do Iluminismo e vincula-se à ideia de progresso. Tal ideia relaciona-se com a apropriação que o homem faz da natureza, na qual a ciência e a técnica são vistas como instrumento de poder, pois a partir delas o homem a conhece, manipula e domina. No entanto, pouco a pouco a perspectiva materialista e utilitarista ganha mais corpo e acaba por caracterizar a sociedade de hoje como a sociedade do consumo que se forja pelo capitalismo selvagem e pelo neoliberalismo.

Além disso, mesmo após duzentos anos da Revolução Francesa e conseqüente difusão de seus valores – igualdade, liberdade e fraternidade – nos deparamos com uma sociedade na qual os indivíduos e grupos estão constantemente fazendo valer os seus direitos em detrimentos dos outros. Por conseguinte, constatamos que o dinamismo da economia de mercado, responsável pelo enriquecimento de alguns países, e que, portanto, torna as relações interpessoais mais complexas, coloca-nos diante de uma cultura globalizante que será o pano de fundo para a crise da modernidade. A crise da modernidade por sua vez cria um mundo e um universo de valores que não podem ser compreendidos por uma razão metafísica que busca o absoluto, uma vez que a modernidade movida pela lógica econômica foi aos poucos pondo de lado uma moral fundada em princípios absolutos e transcendentais, que se impunham aos seres humanos através da consciência destes, e se traduzia na virtude individual expressa na vida em comunidade. Logo, dirá Küng:

A globalização da economia mundial é desafiada por problemas mundiais, que exigem soluções globais baseadas em ideias, valores e normas respeitados por todas as culturas e sociedades. O reconhecimento de direitos iguais e inalienáveis requer um fundamento de liberdade, justiça e paz – mas para isso é também necessário que os direitos e responsabilidades humanos recebam igual importância para estabelecer uma base ética, de modo que todos os homens e mulheres possam viver em paz e cumprir seu potencial. (2001, p.10)

Uma vez que acreditamos que a autonomia conclamada pela ciência precisa levar em consideração a responsabilidade moral de suas ações tendo em vista o bem comum, não simplesmente a técnica pela técnica. É nesse sentido que queremos mencionar o paralelismo entre Max Weber e Hans Jonas que implica na necessidade de elaborarmos uma ética da responsabilidade social⁸.

Do mesmo modo, nos tempos modernos, além de uma moral utilitarista, observamos que cada vez mais a esfera jurídica se impõe às pessoas a partir da impessoalidade das leis. Se antes o uso da razão instrumental objetivava a conexão entre fins e meios de maneira mais eficaz, tendo em vista uma melhor compreensão da natureza, hoje, de igual modo, observamos a transposição do uso desta razão nas reflexões acerca do ser humano.

É nesta perspectiva que identificamos o *ethos* como uma segunda natureza para a humanidade, pois, mesmo que reconheçamos a possibilidade de que este acarrete condicionamentos, é inegável também que não se apresente como algo determinante para o comportamento humano. Sendo assim, uma das principais finalidades do *ethos* é criar um quadro de expectativa de conduta, de modo que este possa ser compreendido pela razão. Assim, de acordo com nosso autor:

Em face da diversidade que sempre existiu entre nações, culturas e religiões, em face das tendências e correntes atuais para autoafirmação cultural, linguística e religiosa, ou mesmo em face da ampla difusão do nacionalismo cultural, do chauvinismo linguístico e do fundamentalismo religioso – será que de alguma forma nos é possível sonhar aqui com um consenso ético, e isto, ainda por cima, em dimensões globais? (Küng, 1999, p. 166).

Evidentemente, uma questão como esta suscita muitas inquietações e nos impele a avaliar como temos compreendido na contemporaneidade os impactos causados pelas inúmeras transformações que temos experimentado nos últimos anos. Assim, nos deparamos com uma realidade paradoxal, pois constamos a necessidade de salvaguardar a pluralidade de alguns aspectos como é o caso da cultura e da ética, por exemplo, e ao mesmo tempo a sociedade contemporânea que se pretende globalizada e por que não dizer homogeneizada em outros aspectos, como a economia e a política.

A humanidade se tem deparado com tais transformações já há algum tempo e, independente dos âmbitos das quais elas se originam, podemos afirmar que estas refletem em grande parte uma

⁸ DOMINGUES, Ivan. Ética, ciência e tecnologia. *Kriterion: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 45, nº 109, jan./jun. 2004, p. 168.

mudança de paradigma. Por conseguinte, fundamentados no pensamento küngiano podemos denominar o paradigma pós-moderno como ecumênico, no qual o modelo para o futuro não é, pois, a luta entre as culturas, mas a cooperação entre elas; uma cooperação que esteja apoiada pelo diálogo inter-religioso e, cujo interesse comum seja a paz entre todos os povos e nações. Assim, na mesma linha de Küng e em consonância com a necessidade de uma consciência ética planetária, Mancini afirma:

A necessidade de uma ética é, portanto, afirmada sobre a base da convicção que, diante dos desafios da complexidade e da mundialização, só visões, ideais, valores universais podem permitir, se universalmente aceitos, a construção de uma ordem global mais justa e pacífica. (2000, p. 71-72).

Posteriormente, ao abordar a temática da secularização e o conseqüente enfraquecimento das instituições religiosas, Küng reconhece que as religiões institucionalizadas e igrejas cristãs experimentam uma forte crise na atualidade. Entretanto, observa ainda que assim como a fé em Deus não está morta, tampouco, se encontra o niilismo generalizado. No entanto, vale a pena refletir como podemos responder às transformações epocais em questão, e, ainda, como nossas instituições se podem comprometer, em nossos dias, com o bem mais universal, que abraça toda a humanidade.

Além disso, podemos mencionar as dificuldades enfrentadas pela filosofia, sobretudo, no que se refere à sua capacidade de fundamentar uma ética universal, i.é, num horizonte mais abrangente. Assim sendo, é perceptível que, diante do concreto da vida, os modelos filosóficos encontrem seus limites, pois, esbarram justamente em casos específicos que pedem de seus interlocutores a tomada de decisões, nem sempre úteis aos seus próprios interesses. Na mesma linha, ao observar o papel da religião na atualidade e tendo em vista o futuro que esta pode tomar no cenário global, nosso autor, em alusão a Freud, dirá que a religião é um fenômeno universal, assim como a arte e o direito, pois, esta se refere à realização dos desejos mais antigos, mais fortes e necessários da humanidade⁹.

A crise atual concretiza os aspectos que já elencamos anteriormente num reflexo de perda das antigas tradições, como das instâncias de orientação que, gradativamente, submergiram sua capacidade legitimadora. Urge, assim, que tomemos consciência da necessidade de coalização e nos confrontemos conjuntamente, sob a ótica de assegurar um futuro melhor. Esta coalização necessita ser o mais abrangente possível; ultrapassando, assim, a esfera do

⁹ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 83.

propriamente religioso, e alcançando as diversas realidades humanas, no sentido ético fundamental, no qual a dignidade humana é critério principal. Para Mancini (2000, p. 72):

Küng vem assim definir, seguindo Max Weber, uma ética que deseja ser, ao mesmo tempo e se completando mutuamente, de mentalidade e de responsabilidade, que sempre se pergunta realisticamente pelas consequências previsíveis do nosso agir e assume a responsabilidade por isso.

Deste modo, levando em consideração a importância de uma reflexão ética, que do ponto de vista filosófico esteja vinculada a uma verdadeira autonomia humana, uma vez que é indispensável também que esta seja a concretização de um princípio de responsabilidade comum, de uma corresponsabilidade. Tal postura traduzirá, assim, a consciência reflexiva acerca do agir humano no mundo, sem desconsiderar a necessidade de contemplarmos a sobrevivência humana no planeta, que na sua totalidade também avalia os impactos sobre o meio ambiente, como se pode perceber nas reflexões atuais em torno às questões ecológicas.

Na mesma linha, é possível também identificarmos os impactos negativos produzidos pela ciência e pela tecnologia, pois, avaliamos que o pensamento científico por si só é incapaz de fundamentar padrões éticos, bem como valores universais e direitos humanos. Entretanto, vale ressaltar ainda que a utilização dos métodos científicos e das ciências humanas pode também, em alguma medida, corroborar para a estruturação de uma ética moderna que dialoga tanto com as ciências naturais quanto humanas. Küng traduz nestes termos o que a ele parece ser um critério ético fundamental:

eticamente bom seria, pois, aquilo que duradouramente promove a vida humana em suas dimensões individual e social. Aquilo que permite um desenvolvimento das pessoas em todos os seus níveis (até mesmo os sentimentais e instintivos) e em todas as suas dimensões (até mesmo as suas relações sociais e naturais). (1993, p. 146).

É precisamente aqui que encontramos o núcleo de um *ethos* global, no qual a dignidade humana se apresenta como fundamento. De modo que a pessoa humana não pode ser compreendida como um simples objeto, e tampouco como um meio, mas, precisa ser, antes de qualquer coisa, o objetivo e critério fundamental à construção de um consenso ético. Logo, constatamos ainda a necessidade de aprofundarmos e concretizarmos mais os direitos humanos, em vista da defesa da pluralidade e da igualdade, sem perder de vista a conjunção de uma consciência ética comum.

Consequentemente, a dignidade humana, por seu caráter inalienável e intocável, adentra-se no cenário ético como condição de possibilidade para o estabelecimento de critérios comuns. Embora possa parecer algo contraditório, quando tratamos da necessidade de estabelecermos ou identificarmos padrões éticos comuns que, por sua vez, representem normas e atitudes morais, não pretendemos de forma alguma chegar a um consenso ético total.

Do mesmo modo, nosso autor concorda com Walzer¹⁰, ao referir-se a moral mínima ou minimalismo moral, quando trata de um núcleo da moral, cujos padrões éticos elementares compreendem o direito à vida, ao justo tratamento, bem como à integridade corporal e psíquica¹¹. Ainda, mencionando a abordagem walzeriana em seu empenho por um *ethos* comum para a humanidade, podemos tratar tanto de uma moral elementar, na qual um consenso ético global é possível, quanto de uma moral culturalmente diferenciada, onde este consenso não é necessário.

Em virtude desta situação conflitiva Küng (1999, p. 197) afirma:

“Todo ser humano – sem distinção de idade, sexo, raça, cor, capacidade corporal ou espiritual, língua, religião, convicção política, origem nacional ou social – possui uma inalienável e intocável dignidade”.

Podemos compreender a modernidade a partir da centralidade do homem na perspectiva da globalização; ou seja, do homem e não mais de um elemento externo que será o critério que fundamenta o pensamento ocidental, assim, como organiza moral e socialmente a vida em comum.

Como reflexo dessa vida em comum está o *ethos*, compreendido, desta maneira, como o habitat do homem, pois, é nele que o homem, a partir da vida em sociedade, debruça-se sobre a própria vida, sobre a existência. O homem vive no *ethos* através da realização de si mesmo enquanto sujeito moral por meio da *práxis*, o que não se refere aqui a um fazer, mas a um modo de agir.

O que se pode esperar do homem é que ele viva humanamente. Ou ainda nas palavras de Küng (1993, p. 64):

... a pessoa humana deve vir a ser mais do que é, ou seja, a pessoa humana deve ser mais humana! Bom para a pessoa humana é aquilo que lhe permite preservar, promover e realizar a sua condição de ser humano. E isso de uma forma diferente à do passado. A pessoa humana deve usar de

¹⁰ Michael Walzer (1935-...) é um dos maiores especialistas em Filosofia Política da contemporaneidade. Atualmente, é professor emérito do Instituto de Estudos Avançados de Princeton (New Jersey) e editor da revista trimestral de política e cultura *Dissent*, que possui uma abordagem de perspectiva esquerda. Além disso, Walzer é um dos principais representantes da corrente comunitarista juntamente com Robert Bellah, Charles Taylor e Alasdair MacIntyre.

¹¹ KÜNG, Hans. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 172.

forma diferente o seu potencial para uma sociedade a mais humana possível e para um meio ambiente o mais íntegro possível.

Viver humanamente seria, portanto, na abordagem künguiana a forma por excelência de expressão ética. Isto porque o ser humano, de acordo com o que já mencionamos anteriormente, tem experimentado ao longo dos anos aquilo que podemos chamar de um processo de desumanização, no qual deixa de ser o sujeito e passa a ser o objeto sobre o qual se desenvolve a ação; como evidenciamos na ciência contemporânea, por exemplo. Evidentemente, se pretendemos chegar a um consenso ético comum faz-se necessário que contemplemos hoje, mais do que nunca, o ser humano como objetivo e critério para uma ética planetária.

Portanto, parafraseando Küng, o consenso ético refere-se assim a concordância nos padrões éticos fundamentais que é necessária para a sociedade pluralista de hoje, que apesar de todas as diferenças de orientação política, social ou religiosa pode servir como a base mais reduzida possível para a convivência humana e o agir comum¹². Por fim, ao tratar do relacionamento entre religião e humanidade, Küng compreende-o numa perspectiva dialética, na qual religião e humanidade se complementam na estruturação de um fundamento ético. Para ele, aquilo que é humano, que é verdadeiramente humano, que é humanamente digno, pode, com razão, fundamentar-se no divino¹³. Esta será a próxima etapa da nossa reflexão, na qual buscaremos identificar e expor os elementos determinantes à formação de um *ethos* universal, na perspectiva de uma moral ecumênica.

3. RELIGIÕES MUNDIAS E *ETHOS* MUNDIAL: O PAPEL DAS RELIGIÕES NO PROJETO DE UMA ÉTICA UNIVERSAL

Como última etapa de nossa reflexão e, em continuidade ao trabalho até aqui realizado, pretendemos nas próximas páginas explicitar quais são os principais elementos determinantes à constituição de um *ethos* universal, na perspectiva de uma moral ecumênica. Para isso, nosso ponto de partida será a compreensão de nosso autor acerca do papel a ser desempenhado pelas religiões mundiais na tarefa de compor uma comunidade ética de âmbito universal.

¹² KÜNG, Hans. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 176.

¹³ "O humanismo poderia ser, assim, a base para uma ética das religiões mundiais" (cf. KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 149-150).

Para Küng a religião possui um caráter superior à filosofia, porque busca oferecer ao homem uma compreensão do sentido da realidade e, mais precisamente, por seu caráter universal. Assim, em sua reflexão acerca do papel da religião o autor observa que esta pode contribuir social e psicologicamente contribuir na promoção da liberdade, na observância dos direitos humanos e também no ressurgimento da democracia¹⁴. Nesse sentido, podemos falar, com base na reflexão kúnguiana, das funções elementares da religião¹⁵, i.é, dos aspectos básicos que compreendem o desdobramento que caracteriza a *práxis* religiosa, tendo em vista a universalidade e o alcance de sua mensagem.

Deste modo, poderíamos nos perguntar: Como as religiões, mesmo em meio as suas diferenças, podem trabalhar juntas e colaborar na constituição de uma ética universal? Pensar numa resposta para tal questão é sem dúvida algo complexo, mas acreditamos que um passo importante a ser dado nesse sentido é aquele que represente a necessidade de que as religiões queiram engajar-se de fato pelo bem comum, como finalidade e concretização de um princípio de responsabilidade comum.

Ora, este princípio de responsabilidade comum vincula-se diretamente ao bem-estar e à dignidade da pessoa humana, que se apresentam como elementos fundamentais e finalidade última de uma ética humana. Portanto, na esfera das religiões não podemos desconsiderar uma perspectiva como essa, uma vez que é justamente para o concreto da vida que apontam as religiões; o que compreende necessariamente a integridade, a liberdade e a solidariedade no âmbito das relações humanas.

Evidentemente, ao mencionarmos o princípio de responsabilidade comum precisamos considerar o papel que as religiões podem desempenhar no sentido de encontrarem de forma conjunta uma ética que se apresente como um propósito público e, portanto, de interesse global. Assim, Mancini (2000, p. 70) dirá:

A reflexão de Hans Küng é motivada pela exigência de individuar qual a estrada a humanidade deve seguir e percorrer para iniciar aquele processo de pacificação, universalmente invocado como indispensável.

Para Küng a finalidade de uma ética universal encontra sua raiz mais profunda na dignidade da vida humana. Logo, podemos dizer que tudo aquilo que nos distancia dessa condição nos desumaniza e contraria o critério ético fundamental: todo ser humano deve ser

¹⁴ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 86.

¹⁵ Para Küng as funções elementares da religião são: a) o sentido de onde vem e para onde vai a existência humana; b) o sentido e o objetivo de nossa responsabilidade; c) uma comunidade e uma pátria espiritual; d) o desejo insaciável e atuante pelo Totalmente Outro. (cf. KÜNG, Hans. *Op. cit.*, p. 98).

tratado humanamente. Embora possamos perceber que há na ética um caráter restritivo, vale ressaltar que, mais do que ater-se às restrições, sua tarefa por excelência é a de avaliar a qualidade das ações humanas e sua repercussão no mundo, sem jamais prescindir da dignidade humana.

Com base em seus estudos acerca das religiões mundiais e, levando em consideração o que podemos chamar de critérios éticos comuns, presentes, mesmo que primitivamente, nos diferentes credos, Küng constata a presença de máximas normativas elementares das religiões mundiais. Ele acredita, no que se refere às religiões mundiais, mesmo com suas doutrinas diferentes, que estas, de algum modo se empenham por oferecer padrões éticos básicos, que desembocariam numa espécie de consciência ética coletiva.

Na compreensão do autor, há mais aspectos favoráveis ao diálogo e à proximidade entre as comunidades de fé, do que aspectos contrários. No entanto, para que isso ocorra é importante ainda que estas comunidades não percam de seu horizonte sua capacidade à reflexão crítica, bem como que considerem suas origens e seu percurso histórico. É nesse sentido que podemos falar das máximas elementares fundamentais da humanidade, algo como a regra áurea do comportamento humano, que sintetiza nas diferentes tradições das religiões mundiais aquilo que corresponde a um padrão ético, cujo pano de fundo seja uma orientação religiosa fundamental. Mas, ressalta Küng (199, pp. 167-168):

Um *ethos* global não é uma nova ideologia ou superestrutura; ele não pretende tornar supérfluo o *ethos* específico das diferentes religiões e filosofias, não é, portanto nenhum substitutivo para a *Torah*, o Sermão da Montanha, o Alcorão, a *Bhagavad-Gita*, os discursos de Buda as sentenças de Confúcio.

Naturalmente, tal consideração está vinculada ao fato de que todas as religiões proponham normas éticas fundamentais; todas elas nos apresentam padrões não negociáveis, que servem como máximas orientadoras às pessoas e, cujo fundamento está no absoluto. Embora este fundamento esteja no absoluto não podemos deixar de perceber que na ótica da *práxis* religiosa, mesmo que determinada orientação normativa seja internalizada por seus membros e tenha por isso mesmo certo matiz imanente, ela não para por aí e, em contrapartida remete-nos, em última instância, ao transcendente.

Assim, Küng (1999, p. 178-179) nos convida a contemplarmos a Regra Áurea a partir de um quadro comparativo no qual encontramos as máximas elementares das religiões mundiais que, na sua compreensão, representam as convicções orientadoras e as premissas fundamentais à vida e convivência humanas.

RELIGIÕES MUNDIAIS	MÁXIMAS ÉTICO-FILOSÓFICAS	ORIGEM
CONFUCIONISMO	"O que tu mesmo não desejas, não o faças também a outros".	<i>Discursos e Conversações 15, 23.</i>
JUDAÍSMO	"Não faças aos outros o que não queres que eles te façam".	<i>Sabbat31a.</i>
CRISTIANISMO	"Tudo o que desejais que os homens vos façam, fazei vós a eles".	<i>Mt 7, 12; Lc 6, 31</i>
ISLAMISMO	"Nenhum de vós é um crente enquanto não deseja para o seu irmão o que deseja para si mesmo".	<i>40 hadithes de an-Nawawi 13</i>
JAINISMO	"O homem deveria comportar-se indiferentemente em relação às coisas mundanas e tratar todas as criaturas do mundo assim com ele próprio gostaria de ser tratado".	<i>Sutrakritanga I. 11.33</i>
BUDISMO	"Uma situação que não é agradável ou satisfatória para mim também não o há de ser para ele; e uma situação que não é agradável ou satisfatória para mim, como hei de impô-la a outro?"	<i>SamyutaNikaya V, 353.35-354.2</i>
HINDUÍSMO	"Não devemos nos comportar em relação a outros de uma maneira que para nós é desagradável; esta é a essência da moral".	<i>Mahabharata XIII. 114. 8</i>

Dada à natureza incondicional, categórica e apodítica destas máximas, Küng postula que elas representam uma norma perfeitamente praticável, pois, independente da complexidade das relações, traduzem de forma prática o modo de proceder dos indivíduos da comunidade humana. É graças a essa convicção que ele afirma que uma ética global precisa ser sustentada por todas as religiões mundiais a partir de suas respectivas tradições, na disposição de abertura ao diálogo em vista da paz.

Supomos que para a constituição de uma declaração formal do *ethos* universal se faça necessário atentar para alguns critérios formais. No entanto, não se trata aqui de um universalismo radical que não respeita a efetiva pluralidade existente e tampouco se refere a um relativismo radical que não contribui para a convivência dos diferentes, senão, a uma universalidade relativa que, para além de todas as diferenças culturais e religiosas, reconheça alguns critérios que transcendem a cultura e a religião. Tais critérios correspondem a passos metodológicos a serem dados rumo à concretização de uma proposta urgente para os nossos dias, pois, num mundo marcado por

tantas transformações a humanidade necessita de uma base ética na qual se possa fundamentar, e isso depende em grande parte das religiões.

Evidentemente, constatamos que a constituição de um *ethos* mundial não se refere ao surgimento de uma cultura global única ou uniforme, e de modo algum podemos conceber a possibilidade de uma religião mundial. Portanto, pensar um *ethos* mundial refere-se na realidade, à identificação, a partir da comunidade humana global, de normas e valores básicos, que dizem respeito a atitudes humanas básicas e comuns, que representam valores irrevogáveis. Estes, por sua vez, podem ser tanto afirmados por todas as religiões, independente de questões dogmáticas e doutrinárias e podem, inclusive, ser aceitos e praticáveis por não-crentes, pois, mesmo pessoas não religiosas podem engajar-se pela dignidade humana e pelos direitos humanos. Daí, a necessidade de falarmos dos deveres humanos, que representam o homem como o critério dirimente e, ainda, esboçam o que podemos chamar de critério de verdade ético-universal, remetendo-nos em última instância à plena realização humana. Por fim, um *ethos* mundial, segundo Küng, será a base sobre a qual se constrói a plena realização da dignidade interior da pessoa humana, a inalienável liberdade e igualdade, bem como a necessária solidariedade e interdependência de todos, tanto como indivíduos quanto como comunidades.

CONCLUSÃO

O artigo propôs uma reflexão acerca da constituição de uma comunidade ética universal, tal como nos apresenta Hans Küng. Nosso intento foi apresentar, de forma sucinta, como o autor concebe a proposta e, mais especificamente, ao longo de nosso texto, analisar a viabilidade deste empreendimento e suas implicações no atual contexto.

No horizonte do bem comum e na perspectiva da dignidade humana é que nosso autor desenvolve sua proposta. Logo, é justamente nesta interrelação, entre o bem-comum e a dignidade humana, que podemos situar uma comunidade ética universal, na qual o critério dirimente é o ser humano, pois, a partir dele fundamentam-se os valores universais que remetem finalmente à sua plena realização.

Foi com base nessas considerações e a partir da investigação bibliográfica realizada que percebemos que a finalidade de uma ética mundial encontra sua raiz mais profunda na dignidade da vida humana. O reconhecimento daquilo que é verdadeiramente humano seria, portanto, a condição de possibilidade para identificarmos, no plano ético, a legitimidade de determinadas ações e, ainda, se estas

levam em consideração a necessidade de conjugarmos o bem em seu alcance mais universal.

Nesse sentido vislumbramos as religiões mundiais a partir de suas tradições éticas, cujos auxílios nos debruçam sobre nossa humanidade. E, embora saibamos que, historicamente nem sempre as religiões contribuíram para que a dignidade humana fosse resguardada, não podemos negar as contribuições positivas que estas trouxeram à humanidade. Assim, podemos notar que as contribuições sapienciais e éticas advindas das diferentes tradições religiosas muito corroboraram para a compreensão da necessidade de convergência entre valores éticos fundantes, pois estes surgem como orientadores às ações éticas, para além do plano religioso.

Cientes de que não esgotamos o tema, e de que este merece maior aprofundamento, queremos ressaltar a importância do diálogo nas mais diversas instâncias; pois este possui um papel fundamental na constituição de uma ética mundial, de modo que podemos dizer que tal projeto é impensável sem o diálogo entre os entes que compõem a sociedade e, sobretudo, o diálogo das religiões entre si e, destas, com a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- DOMINGUES, Ivan. *Ética, ciência e tecnologia*. Kriterion: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 45, nº 109, jan./jun. 2004.
- KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- KÜNG, Hans. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- KÜNG, Hans; SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais. Duas declarações*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- LIMA VAZ, H. C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução a Ética Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LIMA VAZ, H. C. *Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura*. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- MAC DOWELL, João Augusto A. A. *Aspectos fundamentais do pensamento ético de Padre Vaz*. Veredas do Direito (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 1, n.2, 2004.
- VV.AA. *Éticas da mundialidade: o nascimento de uma consciência planetária*. São Paulo: Paulinas, 2000.